

## FOTOGRAFIA DAS ESCOLAS RIBEIRINHAS: A POSSIBILIDADE DE RECONHECER E ANALISAR ESPAÇOS E TEMPOS PEDAGÓGICOS

### PHOTOGRAPH OF RIVER SCHOOLS: THE POSSIBILITY OF RECOGNIZING AND ANALYZING PEDAGOGICAL SPACES AND TIMES

Elisângela Correa Rios<sup>1</sup>

Célia Beatriz Piatti<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo apresenta uma reflexão quanto ao uso de fotografias para compor o *corpus* de uma pesquisa qualitativa. Há um intenso debate nas Ciências Humanas e Sociais acerca do emprego de imagens em pesquisas, não como mera ilustração, mas com possibilidades analíticas. O debate é acirrado, sobretudo, em relação à sua utilização agregada ou não a outras fontes; entretanto, neste trabalho, as fotografias foram produzidas no contexto de pesquisa e adicionadas a outras fontes selecionadas para a investigação. Considera-se que as fotografias associadas aos demais procedimentos de análise, revelaram-se como possibilidades analíticas relevantes, visto que trouxeram outros sentidos e significados à pesquisa, contribuindo para cotejar, aproximar e revelar ao pesquisador tempos, espaços, sujeitos e contextos.

**Palavras-chave:** Fotografias; Pesquisa Qualitativa; Metodologia.

**Abstract:** This study presents a reflection on the use of photographs in a qualitative research. There is an intense debate in the human and social sciences on the use of photographs in research, not as mere illustration, but with analytical possibilities. The debate is strong, mainly, regarding its use or not aggregated with other sources. In this study the photographs were produced in the research context and aggregated to other sources. The photographs, added to the other analysis procedures, revealed an analytical possibilities of great value. Contributing to compare, approach and reveal to the researcher times and spaces, subjects and contexts.

**Keywords:** Photographs; Qualitative Research; Methodology.

## 1 Introdução

Ao iniciar uma pesquisa, algumas indagações fazem-se presentes: como responder ao problema suscitado? Como organizar o *corpus* da pesquisa? Logo, inicia-se uma busca por procedimentos que forneçam ao pesquisador elementos possíveis para a compreensão de seu objeto de estudo. A seleção das fontes, por exemplo, é um trabalho hercúleo, e a opção por um ou outro procedimento evidencia também um compromisso do pesquisador com sua investigação. Se optar pelo uso de imagens, outras questões surgem: como

---

<sup>1</sup>Mestre em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: [elisangelacorrearios@gmail.com](mailto:elisangelacorrearios@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: [celiabpiatti@gmail.com](mailto:celiabpiatti@gmail.com)

produzi-las? Como usá-las com ética? Como podem retratar o real? Quais imagens podem ser utilizadas para a investigação que se propõe?

De acordo com Zanella (2013, p. 84) ao citar Fatorelli (2000) “a fotografia é algo que para o senso comum apresenta a realidade tal como ela é, compreensão esta herdeira da concepção de máquina fotográfica como prótese de visão”. Portanto, nesse sentido, fotografar seria um “ato de captura, imortalização de um acontecimento em um determinado tempo e espaço e que é exposto a olhares outros, em variadas condições e contextos” (ZANELLA, 2013, p. 84).

Em pesquisa, é preciso superar essa ideia de senso comum, pois se entende que a imagem, incluindo a fotográfica de acordo com Zanella (2013), apoiada nos estudos de Barthes (1984)

Reapresenta um aspecto da realidade, recria algo que foi, o acontecimento que não volta mais, que não tem qualquer possibilidade de se repetir existencialmente. Ao reapresentar esse momento fugaz da vida, a fotografia o faz não pelo que foi, mas pelo que da realidade foi possível ou interessou a seu autor capturar e, nesse sentido, como imagem recriar (ZANELLA, 2013, p.84).

Disso, depreende-se que o uso de imagens em pesquisa, especialmente a fotografia, pode oferecer ao pesquisador a possibilidade de reconhecê-la como fonte analítica na investigação, pois “a imagem fotográfica fornece provas, indícios e funciona sempre como documento iconográfico acerca de uma dada realidade. Trata-se de um testemunho que contém evidências sobre algo” (KOSSOY, 2001, p.33).

O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: “ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (BARTHES, 1984, p.13). Assim, a captura de uma imagem traz ao pesquisador a afirmação de que “toda fotografia tem a sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem, um aspecto dado do real, em determinado lugar e época” (KOSSOY, 2001, p.36).

É nessa perspectiva que esse estudo, advindo da pesquisa: “A prática pedagógica do professor de educação física nas escolas ribeirinhas no Pantanal sul-mato-grossense”, indica possibilidades de investigação, a partir do uso de imagens para compor o *corpus* da pesquisa. O objetivo é apresentar o uso de imagens, em especial, as fotografias, como fonte analítica em pesquisa qualitativa, utilizando-se de análise de conteúdo. O estudo apresenta fundamentos referentes à fotografia, suas possibilidades na pesquisa em Educação e como foram utilizadas, revelando resultados promissores para a investigação proposta.

## 2As imagens e sua presença na pesquisa em Educação

A sociedade contemporânea está cercada de imagens provenientes da arte, das fontes comerciais e da mídia em geral. São imagens que permitem compreender diferentes formas de viver e estar em uma coletividade que as utiliza como forma de incentivo a diversas situações: compras, produtos, beleza, viagens, às vezes, carregadas de ideologias, de subordinação e de intenções em várias proposições.

De acordo com afirmações de Loizos (2011, p. 137, grifos do autor) a respeito das imagens, “o mundo em que vivemos é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes, dependem de elementos visuais, o “visual” e a “mídia” desempenham papéis importantes na vida social, política e econômica.” Papéis que interferem na visão de mundo e exercem um potencial relevante em suas interpretações e intenções, justificando a imagem ser um fator de grande impacto em diferentes seguimentos da sociedade, atualmente. Nesta perspectiva de viver em um mundo cercado de imagens, uma indagação faz-se presente: Em pesquisa de cunho qualitativo, é possível utilizar imagens como produção de dados?

Entende-se que, empregadas em pesquisa qualitativa, as fotografias permitem indagações: como a sua aplicação metodológica pode ser útil e trazer respostas ao que se propõe? Existem vantagens e limitações em seu uso? Para Loizos (2011), há sim benefícios e restrições ao uso de materiais visuais em pesquisas, pois assevera que há falácias, como por exemplo: “a câmera não pode mentir”. Para ele, “os seres humanos, os agentes que manejam a câmera, podem e, de fato, mentem: eles falsificam quadros e forjam testamentos e cédulas” (LOIZOS, 2011, p.139).

Dentre vantagens e limitações no uso das imagens, esta afirmativa revela os avanços tecnológicos, pois existe a possibilidade de manipulação, podendo ser retocadas, modificadas, alteradas e, inclusive, “distorcer a capacidade comprobatória de registro de dados visuais tão facilmente quanto às palavras escritas” (LOIZOS, 2011, p.139). A manipulação pode ser realizada em algumas imagens como suporte ideológico, no sentido de dar outra interpretação ao leitor.

Outra falácia apontada é que a fotografia “é simplesmente e universalmente acessível a qualquer um do mesmo modo que ela opera transculturalmente, independentemente dos contextos sociais, de tal modo que todos a verão e entenderão o mesmo conteúdo na mesma fotografia” (LOIZOS, 2011, p.140). Ideia falsa, visto que a fotografia traz ambiguidade e há diferentes formas de interpretá-la, uma vez que: “A

informação pode estar na fotografia, mas nem todos estão preparados para percebê-la em sua plenitude.” (LOIZOS,2011, p.141).

Frente às falácias aqui expostas, entende-se que, em pesquisa, é preciso o rigor científico, a seleção e/ou a produção de imagens que possam revelar o real acerca do fenômeno que se pretende investigar, por isso é importante compreender que seu uso depende de elementos que o compõe.

Segundo Kossoy (2001), a fotografia apresenta elementos constitutivos em sua produção, como:

Assunto: tema escolhido, os referentes fragmentos do mundo exterior (natural, social); Fotógrafo: autor do registro, agente e personagem do processo; Tecnologia: materiais fotossensíveis, equipamentos e técnicas empregadas para a observação de registro, diretamente pela ação da luz; Espaço geográfico: onde se deu o registro (KOSSOY, 2001, p. 37).

Para o pesquisador, esses elementos constitutivos são essenciais para captar a imagem que, por sua vez, possibilita as interpretações que podem representar resultados importantes e necessários à investigação em curso.

Nesse sentido, entende-se que, em uma imagem, há diferentes possibilidades de interpretação e um preconceito quanto ao uso de fotografias nas pesquisas, relacionados à tradição das fontes escritas e que revelam certa dificuldade dos pesquisadores, sobretudo, nas Ciências Humanas e Sociais em utilizá-las, buscando complementá-las com outras fontes de estudo, a fim de significá-las e tornar os resultados fidedignos (KOSSOY, 2007).

Para a pesquisa, há diferentes formas de adquiri-las, podendo ser fotografias produzidas pelo pesquisador ou pelo pesquisado, fotografias guardadas como memórias, histórias de famílias, de comunidades, retiradas de livros, revistas, *sites* ou outras fontes. De acordo com Kossoy (2007, p.147), “através das fotografias dialogamos com o passado, somos os interlocutores das memórias silenciosas que elas mantêm em suspensão”.

Posto isso, uma questão necessária a ser discutida são os tipos de emprego de imagens fotográficas em pesquisa. Loizos (2011) apresenta a primeira delas como sendo a documentação da especificidade da mudança histórica, que seria importante em uma investigação para apresentar mudanças específicas. Nesse caso, a fotografia poderia ser feita em intervalos regulares nos mesmos lugares, como por exemplo, bairros, paisagens, conteúdo de um quarto, estado de uma árvore, de uma parede ou de um corpo, “antes” e “depois” de uma mudança relevante. O mesmo autor afirma que:

Vários tipos de investigação de história oral podem ser facilitados se o pesquisador vai a uma entrevista preparado de antemão com algumas fotografias relevantes. Nesse sentido, a fotografia pode evocar memórias de pessoas que uma entrevista não conseguiria, de outro modo, que fossem lembradas espontaneamente (LOIZOS, 2011, p.141).

A despeito de seu uso, as fotografias precisam ser lidas com um conhecimento histórico do tempo e do lugar em que foram produzidas. Diferentes fotos representam formas de vida em tempos e espaços que dizem respeito às tradições dos grupos retratados, por exemplo: imagens de comunidades em rituais de funerais ou uma tribo em que as pessoas andam nuas, com o corpo pintado, com adereços específicos, ou imagens que dizem respeito às relações de gênero, de casamentos, de festas tradicionais. Estas são fotos casuais, preparadas e/ou intencionais.

Logo, mais uma indagação surge: “o que se pode inferir com segurança e sensatez de uma fotografia? Inferências casuais são fáceis, mas inferência mais segura exige bem mais.” (LOIZOS, 2011, p.145). Em consequência, outras questões também advêm: “As imagens podem servir como instrumento de análise? Elas podem oferecer respostas ao pesquisador sobre o objeto de estudo? O que as imagens propiciam para análises de fenômenos a serem pesquisados?” (PIATTI, 2018, p.95). Faz-se importante compreender que:

Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente. Se por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) que lhe deram origem, por outro, o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço/tempo retratado (KOSSOY, 2001, p.46).

É esse inventário carregado de informações que interessa ao pesquisador ávido por dados que envolvem o objeto de estudo, a fim de que ofereça possibilidades profícuas em sua investigação. “Várias são as possibilidades de utilização de imagens na pesquisa em variados campos, e a sua tímida presença nas pesquisas sociais explicita de certa forma um contraponto entre a produção científica e a condição imagética da contemporaneidade” (ZANELLA, 2013, p. 86).

Esse cenário vem sendo modificado na medida em que as variadas ciências se propõem a dialogar umas com as outras, com a filosofia, com a arte, e a reconhecer a dimensão discursiva de toda e qualquer imagem: reconhecer que esta é tão polissêmica e polifônica como os signos verbais sendo, portanto fundamentais às problematizações sobre o contexto atual e as pessoas que aqui vivem (ZANELLA, 2013, p. 86).

As imagens são polissêmicas, visto que oferecem diferentes possibilidades de leitura e interpretação e, em pesquisa qualitativa, seu uso deve romper com a ideia de mera ilustração, mas compreendê-la como fonte possível para extrair informações à investigação.

Elas podem ser um dos instrumentos de análise nas pesquisas qualitativas, congregadas ou não, a outros que oferecem possibilidades para desvelar o objeto de estudo em todas as suas nuances, mas cabe ressaltar que mesmo rodeados por artefatos digitais, epistemologicamente, ainda há tímida utilização das imagens nas pesquisas como analíticas e não apenas ilustrativas (PIATTI, 2018, p.99).

Cabe ressaltar que é:

Importante reconhecer que, além de ilustração nos relatórios de pesquisa ou produções científicas decorrentes destas, as imagens já estão há muito tempo presentes em outros momentos de investigação, geralmente como recurso para o registro, pelo pesquisador, do campo observado, que o auxiliará quando da análise e escritas sobre o que foi investigado (ZANELLA, 2013, p. 87).

Depreende-se, então, que a fotografia é um instrumento de pesquisa possível para uma investigação, mas ainda pouco explorado. Sobre tal realidade:

Entende-se que quando se trata de ciência, foi desprezada e foi pouco explorada, principalmente nas ciências humanas e sociais, na busca pelo rigor científico, os documentos escritos foram privilegiados, tratados com mais *status*, considerados mais importantes e validados (PIATTI, 2018, p.96).

Seu uso deve ser feito com rigor epistemológico e metodológico e, em articulação a outras fontes, podem apresentar resultados interessantes ao pesquisador e à sua pesquisa. Cabe compreender que: “O produto final, a fotografia, é, portanto, resultante da ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia” (KOSSOY, 2001, p.37).

Esse produto final oferece à pesquisa qualitativa o olhar da lente do pesquisador, para reconhecer espaços e tempos de um determinado assunto que está sob investigação, tecer análises com um conjunto de signos que podem ir além da mera descrição de um lugar, de sujeitos e de fatos, revelando um contexto rico em informações.

Para Zanella (2013), ainda é possível afirmar a ausência de imagens em relatórios de pesquisa, artigos e capítulos de livros. A autora alerta que há avanços no uso de imagens e que essas são as dificuldades a serem enfrentadas, sendo importante não se deixar intimidar por elas, ainda, apontando que essa ausência das imagens “se deva ao fato de serem protegidas pelo *copyright*, cujas restrições para uso, de certo modo,

inviabilizam a sua presença; e o outro motivo para a não inclusão das imagens diz respeito aos custos de impressão, que encarecem as publicações” (ZANELLA, 2013, p.87).

Zanella (2013, p.87), ainda, afirma que “se o próprio pesquisador produz as imagens que analisa, uma parte das dificuldades é contornada, mais especificamente as que se referem à proteção pelo *copyright*”. É preciso alertar também sobre as normas do Comitê de Ética para pesquisa com seres humanos devido à obrigatoriedade de permissão e autorização das pessoas envolvidas na pesquisa.

Importante ressaltar que há uma ampla discussão referente ao uso de imagens nas pesquisas qualitativas e que são diferentes questões a serem debatidas e confrontadas. Nesse estudo, é apontada a possibilidade de ampliar a investigação, reconhecendo contribuições em outras formas de fontes para responder ao problema inicial de pesquisa.

Esclarece-se, então, que as imagens foram utilizadas como fontes analíticas, capazes de fornecer outras informações articuladas aos demais procedimentos selecionados, apoiados na premissa de que uma fotografia consiste em: “um testemunho segundo um filtro cultural que é, ao mesmo tempo que é uma criação a partir do visível fotográfico [...]. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, representa sempre a criação de um testemunho” (KOSSOY, 2001, p.50).

### 3A fotografia como fonte de análise

Tendo em vista a possibilidade de uso das fotografias como fonte analítica, afirma-se que, em pesquisa:

Independente do referencial teórico-epistemológico assumido pelo pesquisador, as técnicas estão presentes, ainda que não sejam previamente eleitas e possam vir a ser modificadas no próprio percurso da investigação [...]. Toda pesquisa faz uso de procedimentos para produção/coleta de informações, ou em outras palavras, de técnicas que possibilitam um determinado olhar para o foco da investigação e o recorte de seus fragmentos (ZANELLA, 2013, p.49).

Depreende-se que a fotografia “oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais-concretos, materiais” (LOIZOS, 2011, p.137). Registro este que permite ao pesquisador, como seu produtor, compor o *corpus* da pesquisa e compreender outras possibilidades de investigação de seu objeto de estudo.

Para Barthes (1967, p.96), a definição de *corpus* “é uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, com (inevitável) arbitrariedade, e com a qual irá trabalhar”. O autor afirma que, ao analisar “textos, imagens, música e outros

materiais como significantes da vida social, estende a noção de *corpus* de um texto para qualquer outro material” (BARTHES, 1967, p. 96, grifo do autor).

Portanto, a fotografia pode ser vista, ao mesmo tempo, como: “Índice, ícone e símbolo, é signo simultaneamente reflete e refrata a realidade e é continuamente refratado pelo leitor através dos incessantes sentidos que produz para o visto e o não visto, para o que a imagem mostra e aquilo sobre o qual silencia” (ZANELLA, 2013, p.85).

Nesse sentido, é necessário compreender a organização do *corpus* em pesquisa qualitativa, mas de acordo com Bauer e Aarts (2011), ressaltar que o termo *corpus* é utilizado pelos linguistas, ao pensar na seleção de dados para a pesquisa qualitativa e que, aos poucos, vem ganhando forma e lugar nas pesquisas em geral. Conforme Barthes (1967, p. 95), para o delineamento do *corpus*, podem ser úteis para a seleção qualitativa: arelevância, a homogeneidade e a sincronicidade. O autor explica que para o delineamento do *corpus*, os materiais devem ser coletados por um ponto de vista apenas, com foco temático e tema específico. Afirma também que devem ser homogêneos, pois se referem à substância material dos dados.

Isto não implica em se ter diferentes procedimentos em uma mesma pesquisa, mas em organizá-los separadamente para melhor compreensão e cotejamento. E, por último, o autor expõe que os materiais coletados devem ser sincrônicos, selecionados dentro de um ciclo natural, com possibilidades de analisar um material que passou por vários ciclos. Importante ressaltar que, em se tratando de análise de fotografias, [...] seus conteúdos, entretanto, jamais deverão ser entendidos como “meras” ilustrações ao texto (KOSSOY, 2001, p.30).

As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para decifração de seus conteúdos e, por conseguinte, da realidade que os originou (KOSSOY, 2001, p.30).

Ao pesquisador, cabe compreender que “a partir do momento em que o processo se completa, a fotografia carregará em si aquele fragmento congelado da cena passada materializado iconograficamente” (KOSSOY, 2001, p. 44). O que permite refletir sobre a fotografia como dado importante a ser produzido e compreendido como fonte analítica em pesquisa qualitativa. Como material iconográfico, vai além de analisar apenas a estética da imagem, aprofundando o modo interpretativo, o contexto social, histórico que representa.



Vale ressaltar que os registros fotográficos “não estão isentos de problemas, ou acima de manipulação e eles não são nada mais que representações, ou traços, de um complexo maior de ações passadas” (LOIZOS, 2011, p.138).

Posto isso, assevera-seque: “Devido ao fato de os acontecimentos do mundo real serem tridimensionais e os meios visuais serem apenas bidimensionais, eles são, inevitavelmente, simplificações em escala secundária, dependente, reduzida das realidades que lhes deram origem”. Nessa afirmativa, eleva-se o papel do pesquisador, já que a seleção, a organização, a produção do material para a coleta de dados são importantes momentos, nos quais a opção por um procedimento produz questionamentos, tais como: é possível analisar o contexto de pesquisa por meio da fotografia? A fotografia pode indicar dados para o objeto em análise?

É importante reconhecer que, além de ilustração nos relatórios de pesquisa ou produções científicas decorrentes destas, as imagens já estão há muito tempo presentes em outros momentos da investigação, geralmente como recurso para registro, pelo pesquisador, do campo investigado. Mas são raras essas imagens no momento da escrita, são somente referidas ou então esquecidas. (ZANELLA, 2013, p.87).

Conforme Bogdan e Biklen (1984), ao apontar caminhos possíveis para quem perscruta a pesquisa com abordagem qualitativa, a fotografia é uma possibilidade. Os autores explicam que, ao fotografar pessoas em grupo ou individualmente, há sempre as condições permitidas pelo outro ao ser fotografado, e o fotógrafo, em situação de observação e captura de imagem, pode interferir na cena e nem sempre obter o desejado. Por isso, as dificuldades do procedimento de produção de dados utilizando fotografias.

Os mesmos autores apontam algumas questões importantes, na medida em que esta sugestão de colaboração surge da discussão das dificuldades como:

De planos de investigação puramente fotográficos, pode ser recomendada de uma forma; mais fundamentada. Basicamente, o problema é: um fotógrafo não é um bom observador e mais, um fotógrafo não é bom em termos de interação. Poderá parecer um paradoxo dizer-se que um fotógrafo não observa bem - afinal, a fotografia não constitui a melhor forma de observação? De facto, um fotógrafo é um observador humano que pode ser sensível e lembrar-se (dentro dos limites, obviamente) da totalidade da cena (BOGDAN; BIKLEN, 1984, p.142).

Ainda, esclarecem: “Um fotógrafo funciona de uma maneira diferente”. Fotógrafo que, nesse caso, é o pesquisador, já com intencionalidades de capturar imagens que possam oferecer dados para a sua pesquisa em curso. Portanto: “As duas operações básicas da fotografia consistem no enquadramento (decidir o que deve ser incluído na

fotografia e sob que perspectiva) e na: temporização (decidir quando carregar no botão)”(BOGDAN; BIKLEN,1984,p.143).

Frente a diferentes métodos de investigação com possibilidades e formas de coletar e produzir dados, a fotografia é um caminho a ser perquirido, pois o fotógrafo “pode isolar e congelar relações ou comportamento de uma forma que não pode ser recriada verbalmente; mas um observador humano pode proporcionar o sentido de toda a textura de relações que não podem ser veiculadas fotograficamente” (BOGDAN; BIKLEN, 1984, p.142).

Essa textura de relações é a intencionalidade do pesquisador, ao buscar capturar as imagens que revelam importantes fatos e momentos que podem contribuir para sua análise.

A verve investigativa faz-se presente na seleção das imagens, buscando o que realmente pulsa na pesquisa em curso, oferecendo sentido ao que se vê. Porém, cabe ressaltar que, qualquer procedimento não dá conta da realidade completa, mas a imersão no *locus* a ser fotografado contribui para reconhecer o espaço e buscar o que se pretende registrar.

Ao compreender a necessidade de imersão no campo de pesquisa, destaca-se a fotografia como um procedimento em potencial para a produção de conhecimentos, realçando que seu uso pode superar a mera ilustração para possibilidades de interpretação do fenômeno em análise.

Muitas são as possibilidades de uso de imagens em pesquisas qualitativas e na área de Educação. Nesse estudo, em especial, serão tecidas a partir de uma pesquisa intitulada: “A prática pedagógica do professor de Educação Física nas escolas Ribeirinhas no Pantanal sul-mato-grossense.” Pesquisa que se valeu de entrevista semiestruturada com docentes da área, da análise de documentos, tais como o Projeto Político Pedagógico das escolas e das fotografias, como fonte de análise profícua na produção dos dados.

Essa discussão ilustra-se mediante três fotografias analisadas na pesquisa em questão, cujo objetivo é compreender como o professor de Educação Física, que atua nas escolas Ribeirinhas na região de Corumbá, em Mato Grosso do Sul, mais precisamente no Pantanal sul-mato-grossense, organiza a sua atividade pedagógica, tendo em vista o espaço natural onde as mesmas se localizam.

As fotografias foram importantes fontes de análise para a pesquisa, uma vez que retratam os espaços das escolas Ribeirinhas do Pantanal sul-mato-grossense. As imagens

contribuíram para apresentar ambientes que permitem ou não a presença dos alunos, em atividades que exigem espaços mais amplos para serem realizadas.

Cabe salientar que, ao optar por fotografias como fonte analítica é importante apresentar os pontos principais de nossa intenção e objetivo como: a) qual é o objeto de pesquisa e se a fotografia possibilita investigá-lo; b) quais as ações e em que tempo devem ser definidas; c) onde, como e o que fotografar; e d) buscar sentidos e significados nas imagens selecionadas.

Seguindo estes critérios, as fotografias foram utilizadas como um dos procedimentos para responder à indagação: como o professor utiliza o espaço natural para organizar e concretizar as atividades pedagógicas nas aulas de Educação Física?

Os dados foram organizados em categorias, e as fotografias selecionadas para esse artigo encaixam-se na categoria: “Espaço e tempo ribeirinho.” Frente à análise da Fotografia 1, como primeiro leitor e produtor, ao pesquisador foi possível considerar esse espaço-tempo - o rio e a escola - que, ao serem retratados, exprimem sentidos a serem perscrutados, pois mesmo extenso, esse ambiente não favorece situações pedagógicas fora do espaço da sala de aula.

Ao considerar as aulas de Educação Física e as atividades a serem realizadas, entende-se que o espaço é um importante componente para a sua realização. Frente à imagem, questiona-se: como as crianças podem usufruir desse espaço? O rio, em sua beleza, sugere perigo; o chão íngreme não oferece possibilidades para realizá-las; enfim, é um espaço natural sem função pedagógica para a escola.

O tempo da Educação Física é considerado como um tempo para efetivar atividades que integram as práticas corporais, que incluem outras atividades de lazer e recreação. Frente à imagem, questões importantes vêm à tona: qual é o tempo destinado a essas atividades e em que espaço acontece? Entende-se que as atividades precisam de um espaço e um tempo determinado. Juntos, tempo e espaço são elementos constitutivos da atividade educativa.

**Figura 1:** Fotografia 1

**Fonte:**Acervo da pesquisadora (2018).

A Fotografia 2 revela fragmentos de outros espaços da escola. Ao observar esse espaço, entende-se que a disciplina de Educação Física apresenta, em sua matriz curricular, aspectos diferenciados das demais. Espaço e tempo, aliados à metodologia do professor, são fatores essenciais para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças e dos jovens. As Fotografias 1 e 2 parecem apontar que as atividades proporcionadas nas aulas de Educação Física, nesse espaço em análise, apresentam uma estrutura física comprometida, no que diz respeito à efetivação de suas aulas.

Espaço e tempo, agregados às atividades que podem ser realizadas em aulas de Educação Física, não são um tempo e um espaço estático, devendo ser alvo de constante modificação, pois precisam proporcionar ao professor que, em seu planejamento, possa transpor os limites de uma quadra e buscar outros espaços, mas perante essa imagem, vale indagar: que outros espaços seriam esses?

**Figura 2:** Fotografia 2

**Fonte:** Acervo da pesquisadora (2018).

Outro ângulo fotografado, conforme se observa na Fotografia3, também incita a reconhecer o outro lado da escola, ao mostrar o que esse lugar oferece como espaço, ou mesmo falta dele, para outras atividades possíveis. Ao perquirir a fotografia, mais uma vez, questiona-se que espaço natural é esse? Precário, sem possibilidades de oferecer ao professor condições de usá-lo como espaço possível de aula. Aqui, retrata-se a escola e que condições existem nesse ambiente para que o professor de Educação Física o utilize para a efetivação de suas práticas.

Importa destacar que, nas escolas selecionadas para a pesquisa, não há quadras ou galpões possíveis para efetivar as aulas, mas há ambientes naturais amplos, que aqui estão sendo alvos de análise.

**Figura 3:** Fotografia 3

**Fonte:** Acervo da pesquisadora (2018).

Ressalta-se que, ao organizar as fotografias como dados da pesquisa, alguns pontos foram importantes, como: organizar as imagens em categorias e articulá-las a outros procedimentos (entrevista e análise documental), refletindo sobre o que exige uma aula de Educação Física, para que ocorram as atividades em diferentes espaços.

Ao responder à indagação inicial, afirma-se que os espaços nas aulas de Educação Física são necessários, visto que as aulas dessa disciplina têm função importante, pois podem proporcionar a essas crianças e jovens momentos de lazer, brincadeiras, jogos e atividades de relaxamento. Porém, frente ao que demonstram as imagens anteriores, parece-nos plausível cotejar que não há essa possibilidade em relação ao espaço.

As imagens trouxeram reflexões para a compreensão que a falta ou a inadequação dos espaços causam dificuldades na proposta de atividades, na organização do planejamento docente, na qualidade das aulas, na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, restringindo assim a realização de práticas corporais e esportivas necessárias ao aprendizado e ao desenvolvimento das crianças e dos jovens estudantes destas escolas.

Frente às informações estéticas que as fotografias oferecem, questiona-se: Quais são as dificuldades que o professor de Educação Física enfrenta para concretizar as suas aulas, dia a dia, nessas escolas? As imagens revelam a precariedade dos espaços naturais das escolas Ribeirinhas, aqui expostas, em sua estrutura. Condições estas que revelam as dificuldades e os desafios enfrentados por estes docentes para a efetivação de suas aulas nesse contexto.

#### **4 Considerações finais**

Ao compreender como o professor de Educação Física que atua nas escolas Ribeirinhas na região de Corumbá, em Mato Grosso do Sul, mais precisamente no Pantanal sul-mato-grossense, organiza a sua atividade pedagógica, tendo em vista o espaço natural onde se localizam as escolas, as fotografias foram importantes fontes analíticas, pois revelaram os espaços, mostraram minúcias, possibilidades e aproximaram-se dos depoimentos dos professores, da análise documental e trouxeram indagações, bem como possibilitaram respostas.

Ao utilizar as fotografias como fonte analítica em pesquisas, ultrapassa-se a possibilidade de mera ilustração, revelando a sua importância como fonte de produção de dados. Elas têm potencial para serem analisadas, interpretadas na produção de conhecimentos, pois demonstram possibilidades teóricas e metodológicas com

informações profícuas, em âmbito também estético e, por conseguinte, na produção de conhecimentos.

## Referências

BARTHES, R. **Elements of semiology**. New York: Hill and Wang, the Noonday Press (Tradução do original Francês, 1964), 1967.

BAUER, W, M; AARTS. B.A construção do corpus: um princípio para coleta de dados qualitativos. *In*: BAUER, M.W; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 49-63.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1984.

FATORELLI, A. Fotografia e subjetividade. *In*: JOBIM S. S. (org.) **Mosaico: imagem do conhecimento**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000, p. 130-137.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê, 2001.

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê, 2007.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. *In*: BAUER, M.W.; GASKELL, G.(org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2011.p. 137-155.

PIATTI, C. B. Imagem da/na pesquisa qualitativa: a extensa possibilidade de pesquisar. **Revista Acta Semiótica et Lingvistica**, João Pessoa, v. 23, n.1, p. 94-110, 2018. Disponível em:<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/view/43497>. Acesso em: 20 jun. 2019.

ZANELLA, A. V. **Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas**. Porto Alegre: Sulina; UFRGS, 2013.

**Recebido em:** 03 de dezembro de 2019.

**Aceito em:** 08 de agosto de 2020.